

Comentários

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em junho, os indicadores do emprego industrial permaneceram negativos, em consonância com a retração observada na produção física. A série livre de influências sazonais, na comparação mês/mês anterior mostrou a quinta redução consecutiva, -0,1% entre junho e maio. Com isso, entre janeiro e junho deste ano, o emprego industrial acumulou queda de 1,3%. Em relação a junho de 2002, a perda foi de 0,6%. A análise trimestral apontou uma reversão nos resultados, uma vez que, na comparação com igual período do ano anterior, no primeiro trimestre houve expansão de 0,7%, enquanto no segundo, recuo de 0,6%. No acumulado do primeiro semestre não houve variação (0,0%) e no acumulado dos últimos doze meses observa-se decréscimo de 0,2%.

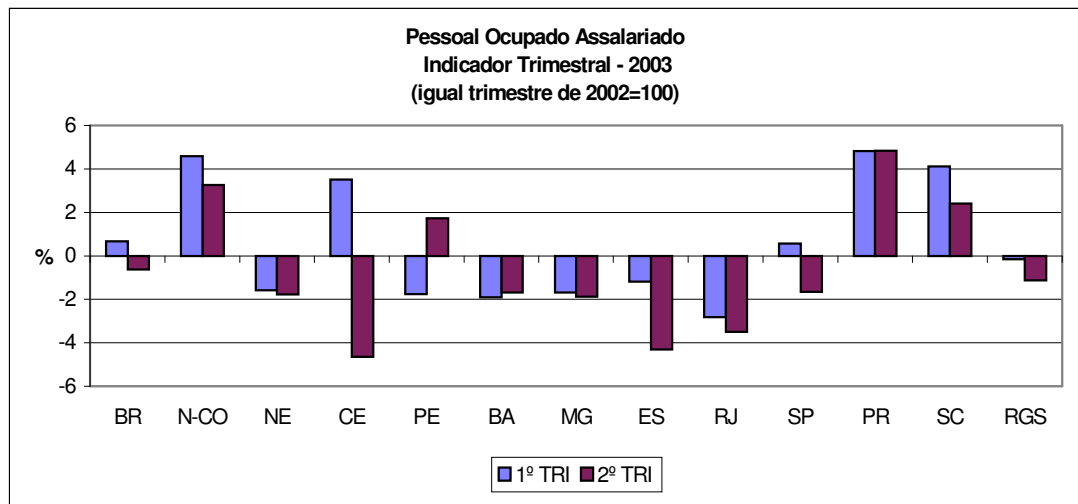
No confronto mensal, a taxa de -0,6% foi a terceira negativa consecutiva, conseqüência de reduções observadas em nove áreas e onze divisões.

Setorialmente, os ramos que participaram com os maiores pesos negativos na média nacional foram minerais não-metálicos (-7,5%), outros produtos da indústria de transformação (-8,6%) e papel e gráfica (-4,4%). Este último segmento representou a principal pressão negativa sobre o emprego da indústria de São Paulo (-1,5%), que junto à Minas Gerais (-2,3%), foram os estados com maior participação na redução do contingente de trabalhadores.

Em contraposição, destacaram-se as influências positivas de produtos de metal (9,5%) e máquinas e equipamentos-exclusive eletroeletrônicos (6,4%) em nível setorial, e de Paraná (4,8%) e região Norte e Centro-Oeste (3,9%), em nível regional.

A reversão verificada na passagem do primeiro trimestre (0,7%) para o segundo (-0,6%) foi observada em nove locais. Ceará, que passou de

um aumento de 3,5% no primeiro trimestre para uma queda de -4,7% no segundo e Espírito Santo (de -1,2% para -4,3%) foram os locais que, relativamente, mais perderam trabalhadores neste período. Por setor, quinze dos dezoito reduziram as contratações de um trimestre para o outro, sendo as reduções mais intensas verificadas em fumo (de 6,4% para -2,4%), alimentos e bebidas (de 4,1% para 0,2%), papel e gráfica (de -0,9% para -4,2%) e minerais não-metálicos (de -3,6% para -6,9%).



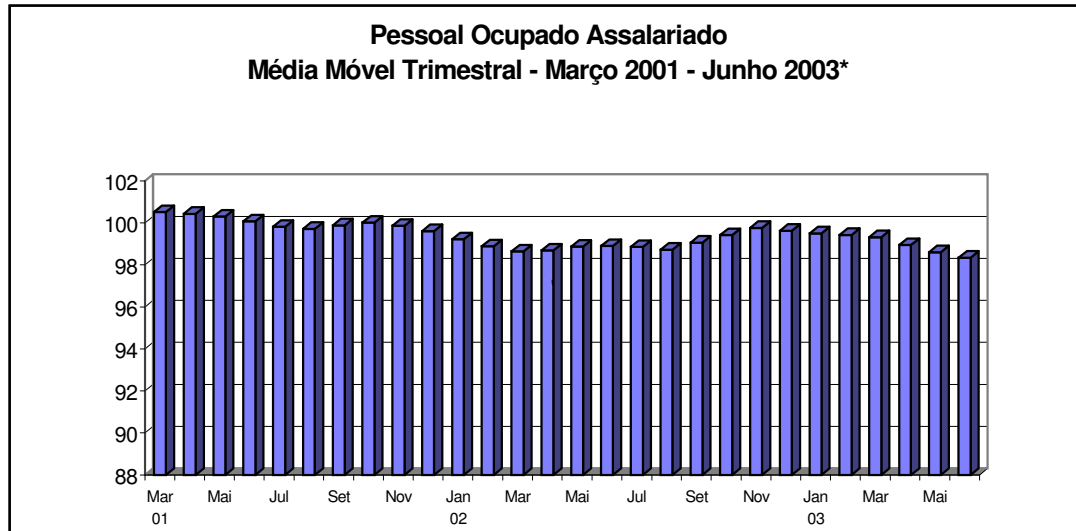
Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

O indicador acumulado no ano, por sua vez, vem apontando uma trajetória descendente, até alcançar taxa zero no primeiro semestre de 2003. Ou seja, o nível de emprego manteve-se no mesmo patamar que o observado no primeiro semestre de 2002. São Paulo (-0,6%) e região Nordeste (-1,7%) foram os principais destaques negativos entre os dez locais que apontaram recuo no emprego. Em contraposição, os estados do Sul apresentaram uma melhor performance, uma vez que Paraná (4,8%) e Santa Catarina (3,3%) sobressaíram como as principais influências positivas.

Em nível nacional, as demissões superaram as admissões em oito ramos, com destaque para os segmentos de outros produtos da indústria de transformação (-8,6%), minerais não-metálicos (-5,3%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (-3,8%). Do lado positivo, máquinas e equipamentos-exclusive eletroeletrônicos e de comunicações (7,1%) e alimentos e bebidas (2,1%) exerceram as pressões positivas mais relevantes na formação da taxa global.

A taxa anualizada, indicador acumulado nos últimos doze meses (-0,2%), mantém estável o ritmo de queda há praticamente quatro meses.

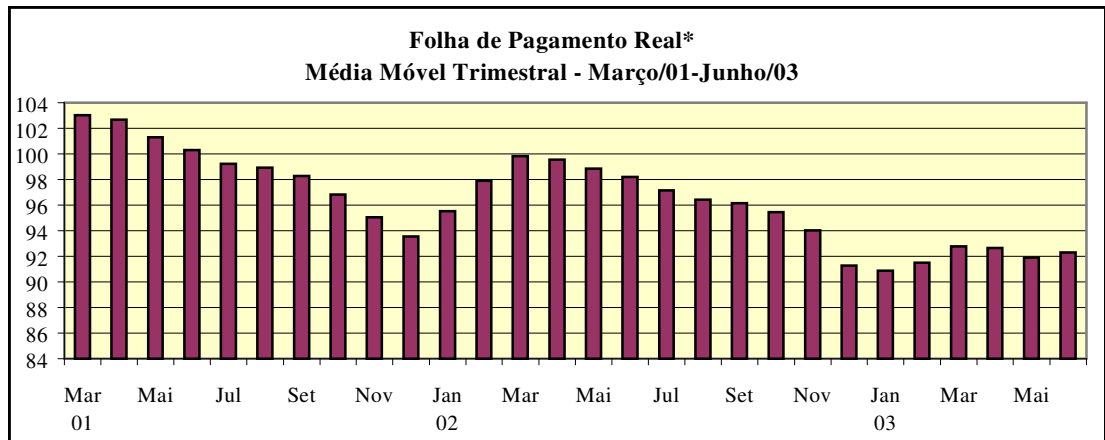
Por fim, o indicador de médias móveis trimestrais, ajustado sazonalmente, mostra uma acentuação do ritmo de queda no emprego industrial, uma vez que o trimestre encerrado em junho foi 1,0% inferior ao encerrado em março.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria
*Série com ajuste sazonal

FOLHA DE PAGAMENTO

A folha de pagamento dos trabalhadores do setor industrial, após o recuo de 1,6% observado em maio, volta, em abril, a registrar ganho real na comparação com o mês anterior, expansão de 1,8%, já descontadas as influências sazonais. Já os índices de médias móveis trimestrais mostram uma suave recuperação do valor da folha de pagamento: entre os trimestres encerrados em junho e maio deste ano há uma Acréscimo de 0,4%.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

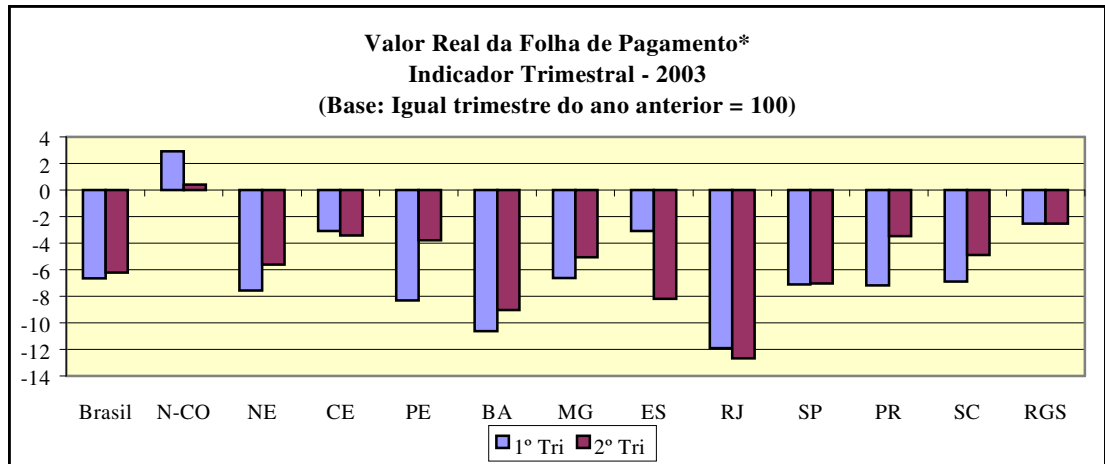
* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

Nos demais indicadores, a folha de pagamento da indústria brasileira permanece mostrando perda real: -4,6% em relação a junho de 2002, -6,4% no acumulado do ano e -4,5% nos últimos doze meses. No que tange à folha média de pagamento são registrados resultados negativos nos comparativos: junho 03/junho 02 (-4,0%), acumulado no ano (-6,5%) e nos últimos doze meses (-4,3%).

Em relação a junho do ano passado, treze dos quatorze locais pesquisados reduzem, em termos reais, a folha de pagamento de seus empregados. Na formação da taxa global de -4,6% as indústrias de São Paulo (-5,2%) e, conseqüentemente, da região Sudeste (-5,9%) respondem pelas maiores contribuições negativas, influenciadas sobretudo pelos decréscimos nos setores de papel e gráfica (-17,2%, na primeira e -17,1% na segunda) e de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-16,8% e -15,5%, respectivamente). Em termos de magnitude de queda, sobressaem Rio de Janeiro (-12,8%) e Bahia (-8,6%). Em contraposição, a região Norte e Centro-Oeste é o único local pesquisado que apresenta expansão (1,7%). Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, decréscimos na maioria (dezesseis) dos dezoito setores pesquisados, ficando os recuos de maior impacto na taxa global com papel e gráfica (-14,4%), minerais não metálicos (-18,5%) e máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-11,6%).

No corte trimestral, observa-se praticamente uma manutenção do ritmo de queda do valor da folha de pagamento da indústria brasileira na passagem do primeiro (-6,6%) para o segundo trimestre (-6,2%), sempre em relação a

igual trimestre de 2002. No caso específico do fechamento do segundo trimestre, os resultados da folha de pagamento são negativos em treze locais analisados, com as taxas oscilando entre os -12,7% registrados pelo Rio de Janeiro e os -2,5% do Rio Grande do Sul. Com expansão no valor da folha de pagamento encontra-se apenas a indústria das regiões Norte e Centro-Oeste (0,4%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

* deflacionado pelo IPCA-IBGE

Ainda no que tange ao indicador do segundo trimestre, em nível setorial o quadro também é de queda no valor da folha de pagamento da maioria (dezesesseis) dos dezoito setores pesquisados. As maiores reduções estão presentes nos setores de fumo (21,9%), minerais não-metálicos (-18,3%), papel e gráfica (-15,8%) e fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-15,6%). Com ganhos reais, figuram apenas borracha e plástico (0,6%) e refino de petróleo e produção de álcool (1,1%).

No indicador acumulado no ano (-6,4%), os números da folha de pagamento são negativos na quase totalidade (treze) dos quatorze locais pesquisados. Também neste confronto, é a indústria de São Paulo (-7,1%) que mais pressiona negativamente a taxa global, influenciada sobretudo pelas perdas assinaladas nos setores de papel e gráfica (-17,9%) e de máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-18,3%). As indústrias do Rio de Janeiro (-12,3%) e da Bahia (-9,8%) são as que registram as maiores quedas, em razão, principalmente, das reduções reveladas pelas indústrias extrativas (-15,3%), na primeira, e de produtos químicos (-11,2%), na

segunda. A única área que ampliou a folha de pagamento, neste confronto, é a da região Norte e Centro-Oeste (1,6%).

No total do país, ainda no indicador acumulado no ano, há redução na folha de pagamento dos trabalhadores de dezesseis dos dezoito setores analisados. Na formação da taxa global de -6,4%, destacam-se com os maiores impactos negativos: papel e gráfica (-14,8%), máquinas e aparelhos eletro-eletrônicos e de comunicações (-13,3%) e minerais não metálicos (-16,4%). Com expansão figuram apenas os setores de alimentos e bebidas (0,5%) e de refino de petróleo e produção de álcool (1,3%).

No que tange à folha média real de pagamento da indústria, segundo o indicador acumulado no ano, são verificadas perdas em todos os locais e setores pesquisados. Regionalmente os decréscimos variaram entre o -1,9% registrado no Rio Grande do Sul e os -9,7% do Paraná. Em nível setorial, são registrados decréscimos em todos os setores pesquisados, sendo mais intensos em fumo (-21,5%) e indústrias extrativas (-13,9%).

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses mostra, na passagem de maio para junho, uma ligeira aceleração no ritmo de queda tanto do total da folha de pagamento, que passa de -4,3% para -4,5%, como na folha média (de -4,1% para -4,3%).

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em junho, o indicador do número total de horas pagas na indústria recua 0,4% em relação ao mês anterior, na série livre de influências sazonais, repetindo o movimento de queda observado em maio (-0,5%). A comparação com junho do ano passado, aponta decréscimo de 1,3%, sendo essa a quarta queda consecutiva. O acumulado do ano (-0,5%) amplia o recuo iniciado em abril (-0,1%), enquanto que o indicador dos últimos doze meses aponta uma tendência de estabilização (-0,5%). A jornada média de trabalho mostra queda de -0,7% na comparação com igual mês do ano anterior, -0,5% no acumulado do ano e -0,3% nos últimos doze meses.

O número de horas pagas recuou 1,3%, em relação a junho de 2002. Oito dos quatorze locais pesquisados mostram queda nas horas pagas. Regionalmente, a maior influência negativa na formação da taxa global foi observada em São Paulo (-2,5%), seguido por Minas Gerais (-2,5%) e Rio de

Janeiro (-4,8%). Com retração figuram também, Região Nordeste (-1,6%), Rio Grande do Sul (-2,4%), Ceará (-5,0%), Espírito Santo (-6,5%). Paraná (5,9%) e Região Norte e Centro-Oeste (3,0%) respondem pelos principais impactos positivos, beneficiados, pelo aumento das horas pagas no setor de alimentos e bebidas, que atingiu 12,0% e 6,8%, respectivamente.

Setorialmente, ainda no indicador mensal, a principal pressão negativa, na redução das horas pagas, foi exercida, principalmente, pelo setor de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-10,0%), seguido pelas indústrias de minerais não metálicos (-7,6%) e têxtil (-6,5%). Por outro lado, a maior contribuição positiva veio de produtos de metal - exclusive máquinas e equipamentos (7,8%).

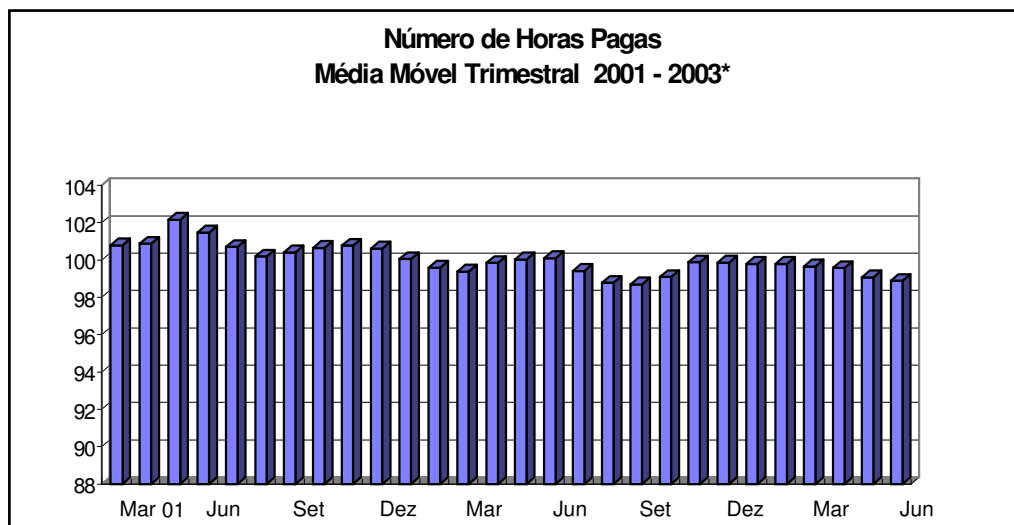
Comparando-se a evolução trimestral do número de horas pagas, frente a igual período do ano anterior, observa-se uma inversão no seu desempenho, que passa de um acréscimo de 0,3% para uma queda de 1,2%. Este comportamento é explicado pela redução observada em dez dos dezoito setores analisados.

O acumulado de janeiro-junho confirma recuo (-0,5%) no total das horas pagas. Por setores industriais, observam-se perdas na jornada de trabalho em nove ramos pesquisados. As reduções que mais influenciaram o resultado global são, também neste confronto, as registradas nos setores de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-10,1%) e minerais não-metálicos (-5,0%). Em contrapartida, o desempenho do setor de alimentos e bebidas (2,9%) permanece como o principal responsável pela maior contribuição positiva no resultado global.

O indicador acumulado nos últimos doze meses (-0,5%), sinaliza estabilidade na trajetória das horas pagas. No total do país, onze setores assinalam recuo nas horas pagas pela indústria. Neste confronto, o maior impacto negativo vem do ramo de fabricação de outros produtos da indústria de transformação (-8,8%) e, o positivo, no de alimentos e bebidas (4,8%). Regionalmente, a maior influência negativa é determinada pelo recuo observado em São Paulo (-2,3%). Com quedas figuram, ainda, Rio de Janeiro (-3,6%), Minas Gerais (-1,9%), Rio Grande do Sul (-0,4%), Bahia (-0,5%) e Espírito Santo (-1,9%). Os locais com desempenhos positivos são:

região Norte e Centro-Oeste (4,0%), Paraná (4,1%), Santa Catarina (2,4%), Nordeste (0,7%), Pernambuco (4,2%), Ceará (2,0%).

Acompanhando o movimento apontado pelo emprego, a evolução da horas pagas pelo gráfico de médias móveis trimestrais também sinaliza redução, já que o segundo trimestre foi 0,8% inferior ao primeiro.



Fonte: IBGE/DPE/Coodenação de Indústria

*série com ajuste sazonal